

Disciplinar o tempo (almanaques)

“O almanaque é o livro disciplinar que coloca os marcos, traça as linhas dentro das quais circula, com precisão, toda a nossa vida social.”

Eça de Queirós

OS ALMANAQUES guiam os seus leitores pela incerteza dos dias futuros com as suas tábuas astrológicas, os seus conselhos para fazer frutificar a terra, o vaivém das marés e os dias santos. Ao longo dos tempos adaptaram-se para satisfazer os leitores das cidades, com os horários de transportes, dos correios, as biografias dos reis e dos notáveis. Repositórios da cultura popular resistente aos avanços científicos, conseguiram adaptar-se ao longo dos tempos, ao conciliar conhecimentos populares tradicionais na agricultura, na medicina e na astrologia, com informações práticas e actualizadas.

Neste número vamos visitar a colecção de almanaques da Biblioteca Particular do Sr. José Miguel da Costa, entre os finais do século XIX e o século XX.

Os Almanques (do árabe *al-manâkh*, calendário ou forma de contar o tempo), nasceram nas cortes dos reis orientais, onde os astrólogos ofereciam aos soberanos uma tábua astrológica, sempre que o ano começava. Chegados ao Ocidente na Idade Média, cedo se divulgaram. O primeiro almanaque português impresso conhecido, o *Almanach Perpetuum* de Abrão Zacuto, foi impresso em Leiria, no ano de 1496. Até aí conhecessem-se outros exemplares, manuscritos, na Biblioteca Nacional.

A invenção da imprensa e a alfabetização contribuem para a difusão cada vez maior dos almanaques, até ao apogeu na segunda metade do século XIX. Os almanaques diversificam-se nos temas, desde os mais tradicionais, destinados a leitores de origem rural, aos religiosos, recreativos, mágicos, práticos, os dirigidos a profissões específicas, até aos escritos por intelectuais com interesses estéticos ou políticos.

Mas todos continham um calendário, sendo cada dia assinalado com o que interessa aos leitores: ora as fases da lua e os dias litúrgicos, ora os dias de pagamento de tal imposto, o nascimento duma personalidade ou uma determinada efeméride. Em todos a preocupação de organizar o caos do tempo é evidente.

A Biblioteca do Sr. José Miguel da Costa alberga alguns exemplares deste período áureo, pertencentes ao pai, o Sr. Joaquim da Costa. Muito lidos, o seu estado de conservação é frágil, mas o seu conteúdo ainda nos pode guiar na espuma dos dias. São ao todo, já registados, dezoito títulos, entre 1894 e 1939.

O *Almanach Illustrado*, de 1894, tem conteúdos dirigidos a um público burguês e culto. A par do calendário litúrgico figuram as biografias de notáveis, excertos literários, artigos sobre edifícios notáveis e artigos de estabelecimentos comerciais. Neste exemplar encontra-se um artigo sobre Cláudia de Campos, considerada uma promissora escritora na época. Além disso, não faltavam os momentos lúdicos, com anedotas antecessoras da banda desenhada... Estes conteúdos voltam a surgir, embora cada vez mais ricos em divulgação cultural e científica, nos almanaques das décadas de vinte e trinta do século XX.

O *Almanaque Illustrado do Occidente para 1905* apresenta um calendário com as efemérides e as principais datas religiosas, bem como horários dos caminhos-de-ferro e dos correios, dos teatros. No esforço de instruir os seus leitores apresenta artigos sobre a actualidade, biografias de notáveis e a necrologia. O recreio chega na forma de contos, anedotas e poesia.

O período entre 1908 e 1914 é marcado pelos almanaques de conteúdo político, como é exemplo o *Almanaque Democrático para 1908*, no qual participaram Teófilo Braga, Guerra Junqueiro e Ana de Castro Osório. Na mesma linha, o *Annuario Democrático*, para 1910, ainda

não adivinhando a chegada da Primeira República, informa sobre os membros organizados do Partido Democrático em todos os concelhos e juntas das paróquias [actuais freguesias] do país, além dos habituais agendas, calendários e biografias dos notáveis republicanos. Em Sines os Corpos Directivos do Partido Republicano eram Artur Fernandes da Silva, Alberto Bigas, o próprio Joaquim da Costa, José da Silva Campos e José Marreiros da Rosa. Além disso, apresenta ainda endereços e anúncios de publicações periódicas republicanas e artigos políticos e ideológicos.

Mas os almanaques não são coisa do passado. Quem não usa os seus sucessores, as agendas e os calendários? Ou lê jornais e vê televisão em busca de novidades e conselhos práticos? Quem não espreita, com cautela para não ser visto em credices, o horóscopo nas revistas e nos jornais? E o velho almanaque ainda sobrevive, no seu melhor estilo, no *Borda d'Água*.

Para saber mais...

BRAGA, Isabel M. R. Drummond – “Os Almanagues Portugueses no século XVIII”. In *Cultura, Religião e Quotidiano. Portugal (século XVIII)*. Lisboa: Hugin, 2005. pp. 83-132. *Embora este artigo não foque o período que nos interessa, permite perceber a importância dos almanaques, no contexto da chamada literatura de cordel, para a cultura portuguesa.*

PINTO-CORREIA, João David – “Almanaques”. In José da Costa Pereira (coord.) *Dicionário Ilustrado de História de Portugal*. Lisboa: Publicações Alfa, c.1985. Vol. II, pp. 357-358. Pode ser consultado na Biblioteca/Centro de Artes. Dá uma perspectiva panorâmica da história dos almanaques.